



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Desastres ambientais e intolerância à ciência: a cobertura da imprensa paraense e as disputas narrativas em torno do caso Hydro em Barcarena

Ambientals disasters and intolerance to science: the coverage of the Paraense press and the narrative disputes surrounding the Hydro case in Barcarena

Ana Lucia Prado Reis dos Santos
Kelvin Souza

Palavras-chave: análise de conteúdo, análise de discurso, divulgação científica, jornalismo, divulgação científica.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar o processo de mediatização do acidente ambiental ocorrido em Barcarena em fevereiro de 2018 envolvendo a empresa norueguesa Hydro/Alunorte, a partir da cobertura jornalística realizada pelos jornais O Liberal e Diário do Pará, em Belém, tendo como foco principal perceber como o embate entre o que adota-se neste trabalho como o discursos científicos oficiais e o contra-discurso-científico intolerante usado pela empresa mineradora para se defender (discurso científico empresarial), se apresentaram nesses espaços. Um dos aspectos que se percebe é o movimento - com base na desqualificação dos resultados científicos produzidos pelas duas maiores instituições públicas de pesquisa, o Instituto Evandro Chagas (IEC) e Universidade Federal do Pará (UFPA) – de descredenciar o discurso científico e os relatos dos moradores da comunidade do entorno atingidos pelos efeitos do acidente.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Para isso, a metodologia usada foi a análise de discurso quantitativa e qualitativa de conteúdo, conforme descrita por Jorge Pedro Sousa (2004^a, 2004b). Na análise quantitativa, buscou-se avaliar o destaque dado à cobertura a partir dos acontecimentos por cada um dos diários paraenses por meio do número de textos, chamadas de capa, espaço ocupado e outros aspectos quantificáveis. Já na análise qualitativa, o objetivo foi identificar qual o tratamento dado para as informações científicas de ambos os lados da disputa – ciência oficial e ciência empresarial - se “presentificam” na cobertura. O corpus de análise abarca o ano de 2018, a partir das primeiras matérias publicadas nos dois jornais ainda no mês de fevereiro do ano passado.

Breve contexto dos acontecimentos

No dia 17 de fevereiro de 2018, um sábado, durante forte chuva, o Ministério Público do Pará (MPPA) recebeu denúncia de moradores do município de Barcarena, nordeste do estado, de um possível vazamento de resíduos provenientes da empresa Hydro Alunorte. No mesmo dia, o Instituto Evandro Chagas (IEC)¹ foi acionado pelo MPPA e pelo Ministério Público Federal (MPF) para investigar a situação. A preocupação era com um possível vazamento de rejeitos tóxicos do processo de beneficiamento de bauxita na siderúrgica Hydro Alunorte², localizada no distrito industrial de Barcarena, distante cerca de 115 km da capital do Pará.

¹ O IEC é um órgão vinculado à Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde do Brasil (SVS/MS) que realiza “investigações e pesquisas nas áreas de Ciências Biológicas, Meio Ambiente e Medicina Tropical” (INSTITUTO EVANDRO CHAGAS, 2018).

² “A Hydro Alunorte (Alumina do Norte do Brasil S.A.) é a maior refinaria de alumina do mundo” (HYDRO ALUNORTE, 2018) e pertence à Hydro, mineradora norueguesa que conta com 35 mil empregados em operações em 40 países em todos os continentes do globo (HYDRO ALUNORTE, 2018).



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Mesmo um ano depois, o acontecimento e seus desdobramentos - que continuam a se desenrolar - mobilizaram a imprensa local, nacional e internacional, que abordou o assunto com base em informações fornecidas pelo IEC, pela Hydro Alunorte, pela força-tarefa do MPPA e MPF, pelo Governo do Estado, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), por moradores das comunidades afetadas, pela Prefeitura de Barcarena, entre outros atores sociais.

Além disso, uma CPI foi instalada logo em seguida ao acidente em Barcarena, o que pode ter contribuído para o embate de narrativas que se visibilizaram nas coberturas dos dois maiores jornais do Pará.

O processo de mediação do acidente pode ser alinhado ao entendimento de Braga (2012) quando se refere a esse processo como uma possibilidade de enfrentamento a partir da “interação de natureza político-social” (BRAGA, 2012, p.33), ou seja, os embates narrativos representam essa possibilidade de reações que movem diferentes atores no meio em disputas culturais, políticas, financeiras e ambientais.

Uma *company town* na Amazônia

Como parte das terras que compreendem a região amazônica, a área correspondente à refinaria de alumínio da Hydro Alunorte em Barcarena e sua região de impacto imediato são envolvidas por profundas e sérias questões territoriais e de ocupação e, conseqüentemente, questões ambientais. Barcarena, aliás, é muito bem definida por TRINDADE JR. e CHAGAS (2002) como a “*company town* do alumínio”.

O núcleo urbano planejado, construído para abrigar os trabalhadores da refinaria, foi denominado Vila dos Cabanos em alusão à Cabanagem, principal e mais efetiva revolução popular ocorrida no Pará na primeira metade do século XIX.

A história é chamada para referendar o presente, na medida em que é lembrada como instrumento de reelaboração da imagem de mudança, de revolução e de novos caminhos no presente. Ao nomear o núcleo urbano de Vila dos Cabanos, o governo utiliza-se mais uma



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

vez da história para estabelecer um paralelo impossível entre as aspirações de mudanças sociais do movimento da Cabanagem e o projeto ALBRAS/ALUNORTE. Esse projeto tenta apresentar-se à sociedade como o redentor dos ideais cabanos, que seriam retomados, para redimir a Amazônia de seu abandono. A memória da Cabanagem é utilizada para mais uma vez sufocar os gritos dos mortos e tentar calar os vivos sobre as possíveis críticas à *modernidade* proposta. (FONTES, 2003, p. 68-69)

A análise da historiadora Edilza Fontes deixa claro o uso de recursos locais contra a própria população. Nesse caso, recursos históricos e culturais da Cabanagem e os próprios recursos naturais como o minério. Vale destacar que o núcleo urbano de Vila dos Cabanos foi construído pela empresa pública federal Companhia de Desenvolvimento de Barcarena (Codebar) (TRINDADE JR. e CHAGAS, 2002) para abrigar a mão de obra qualificada e importada de outras regiões do país empregada nos projetos Albras/Alunorte e no Porto de Vila do Conde, construído para escoar a produção de alumínio para o exterior. Tudo isso como componente do Programa Grande Carajás.

A instalação da Albras/Alunorte em Barcarena, em 1985 e 1995 respectivamente os anos de início de produção de cada uma, só foi possível graças à inauguração, em 1984, da Hidrelétrica de Tucuruí, no Rio Tocantins, há 380 km de Barcarena, e que levou a um alagamento de uma área de 2.430 km². O processo de transformação da bauxita em lingotes de alumínio demanda um alto consumo de energia. É importante levar em consideração ainda que, apesar de sócios internacionais, a Albras e a Alunorte tinham como proprietária a estatal Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Todo esse modelo de desenvolvimento foi pensado ainda durante os anos do governo militar.

A Vila dos Cabanos foi inaugurada em 1984, e pensada para atender às necessidades de todo o parque industrial de Barcarena, que não chegou a se concretizar. Projetada para abrigar uma população entre 40 e 70 mil pessoas até 1988, em 2002 tinha



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

uma população de apenas 8 mil habitantes. Nem todo o seu planejamento urbano chegou a ser efetivado.

A lógica reproduzida em Barcarena com a Vila dos Cabanos lembra o que foi feito em outras cidades Amazônicas atingidas por grandes projetos: Carajás, Tucuruí, Laranjal do Jari. A diferença de Vila dos Cabanos era o modelo de gestão do espaço, que era aberto, a Vila Permanente de Tucuruí tem um modelo de gestão semi-aberto, de responsabilidade da Eletronorte, e Carajás é fechada e controlada pela Vale (TRINDADE JR., 2013). Apesar disso, todas essas cidades representaram, quando da sua instalação, um novo padrão de desenvolvimento e de urbanismo na região; foram construídas para abrigar a mão de obra especializada desses empreendimentos; todas elas exercem forte pressão sobre o ambiente da floresta seria o que TRINDADE JR. chama de “cidades na floresta”:

...ou seja, aquelas cidades que tendem a se articular principalmente às demandas externas à região, fazendo do ecossistema florestal um elemento de pouca integração aos novos valores da vida urbana, sendo mesmo sua negação, e visto principalmente como espaço de exploração econômica (madeiras, minérios, fragrâncias, espécies animais e vegetais, turismo etc.). (TRINDADE JR., 2013, p.6)

Jornalismo como mediação de ação e reação

O embate de narrativas que reivindicam espaços de autoridade científica, representados pelas disputas entre ciência oficial e ciência empresarial, demandam acionamento de conceitos do campo do jornalismo, da divulgação científica, do fenômeno da mediação, dentre outros que contribuem para a compreensão de como ao longo de um ano esse circuito se comportou.

As contribuições de Jorge Pedro Sousa (2004a) são duplamente importantes no âmbito deste trabalho: tanto no que se refere ao tratamento do material para a análise quanto do ponto de vista da teoria do jornalismo. Os conceitos de Bruno Latour (1988), fruto de sua etnografia dos grupos científicos, no que se referem à credibilidade



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

científica e à produção dos fatos científicos também são fundamentais para a análise da cobertura.

O trabalho de Cremilda Medina (2008) sobre a relação do jornalismo com a ciência e a gênese de suas linguagens positivistas ao longo do século XIX também contribuíram para a interpretação do fenômeno da cobertura jornalística do Caso Hydro ainda que ele se dê em um contexto de crise do paradigma positivista. A análise de João Rabelo da linguagem jornalística, que pretende a objetividade e o distanciamento e suas estratégias para fazer dos fatos a matéria prima para a notícia trouxe nitidez à análise aqui proposta.

O conhecimento produzido por Alicia Ivanissevich (2005) sobre a divulgação da ciência por meio da imprensa e a construção da autoridade das fontes diante da sociedade, bem como a discussão de Braga (2006; 2012) e Fausto Neto (2008) ajudam a analisar os contornos da midiatização das narrativas em disputa no contexto dos jornais analisados.

Sobre a metodologia

Neste estudo optou-se por analisar a cobertura realizada pelos jornais do acidente em Barcarena, empregando-se a análise de discurso quanti e qualitativa, tal qual Sousa descrita por Sousa (2004a). A presente pesquisa pode ser inscrita também no âmbito das pesquisas descritivas, constituindo-se um estudo de caso. Ademais, consistirá em análise documental de fontes de origem secundária (mídia impressa), MOREIRA (2010, p.272), pois o próprio objeto de pesquisa compreende às edições dos jornais impressos que trouxeram a cobertura do Caso Hydro. A metodologia escolhida apresenta várias vantagens como cita Marques de Melo et al (1999):

Ao invés de entrevistar o leitor sobre seus hábitos de leitura utiliza-se o processo inverso, ou seja, analisar aquilo que é oferecido ao leitor, assumindo que aquilo que o leitor lê no jornal de sua escolha reflete suas atitudes e valores em relação ao fato noticiado. Em se adotando



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

este procedimento elimina-se um dos mais críticos vies da amostragem que é a presença do entrevistador. Outra vantagem deste tipo de pesquisa é o fato de trabalhar com valores essencialmente quantificáveis, definidos por categorias estabelecidas e comprovadas em estudos similares. Desta forma a coleta de dados é baseada na mensuração de textos e as conclusões expressas em forma numérica o que facilita o cruzamento de informações e a elaboração de tabelas e gráficos explicativos, além de permitir com facilidade a reavaliação e comprovação de todo projeto ou parte dele. Desta forma a análise de conteúdo dos jornais escolhidos será feita a partir de uma perspectiva comparativa facilitada pelo caráter quantitativo deste tipo de análise. (MARQUES DE MELO et al, 1999)

Mas a análise de discurso proposta no estudo não se limitará ao aspecto quantitativo, será complementada por uma análise qualitativa uma vez que, “para se chegar à substância de um discurso, o mais útil é complementar a análise quantitativa com a análise qualitativa.” (SOUSA, 2006, p. 661). A decisão de conciliar as duas abordagens visa a alcançar o objetivo geral da pesquisa de entender se e como a divulgação científica impactou a cobertura do Caso Hydro. Ater-se apenas a uma análise quantitativa, poderia levar a uma análise limitada e a interpretações de causa e efeito inverídicas.

Referências bibliográficas

BAIMA, Cesar. Explosão de equívocos e fraudes em estudos deixam a ciência em xeque. *Jornal O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/explosao-de-equivocos-fraudes-em-estudos-publicados-deixam-ciencia-em-xeque-13259159>. Consultado em 19.fev.2019.

BRAGA. José L. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: Mattos, Maria A. et al (org). **Mediação e Midiatização**. Salvador: Edufba-Compós. 2012. Pp.21-52.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma análise da mediatização. **Matrizes**, São Paulo, v.I, n.2. pp.89-105, abril de 2008.

IVANISSEVICH, Alicia. **A mídia como intérprete**. In: VILAS BOAS, Sérgio (org.) *Formação e informação científica*. São Paulo: Summus, 2005.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. 1997. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. (Trad. Angela R. Vianna) Rio de Janeiro: Relume Dumará. [1988]

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. SP: SUMMUS, 2008.

MARQUES DE MELO, José; FADUL, Anamaria, ANDRADE, Antonio; GOBBI, Maria Cristina. **O Mercosul na Imprensa do Mercosul**. Disponível em: <<http://www.santafe-conicet.gov.ar/servicios/comunica/ponencias/mercoms1.htm>> Acesso em: 24 jan. 2019.

Ministério Público do Estado do Pará. **Ministério Público pede fornecimento urgente de água potável à população de Barcarena (PA)**. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/pa/sala-de-imprensa/noticias-pa/ministerio-publico-pede-fornecimento-urgente-de-agua-potavel-a-populacao-de-barcarena>> . Acesso em: 21 jan. 2019.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOUSA Jorge P. (2004a). **Introdução à Análise do Discurso Jornalístico Impresso: um guia de estudantes de graduação**. Florianópolis: Letras Contemporâneas

_____ 2004b, **O dia depois: A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid**: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-dia-depois.pdf>

PINTO, Lúcio Flávio. **A mesma origem dos jornais rivais**. *Observatório da Imprensa*. Edição 448, de 28 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/a-mesma-origem-dos-jornais-rivais/>> Acesso em: 18 jan. 2019



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

PINTO, Pâmela Araújo. **Mídia regional brasileira: características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul**. 2015. 337f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia: encruzilhada civilizatória: tensões territoriais em curso**, 1. Ed, Rio de Janeiro, Consequência Editora, 2017.

RESENDE, Fernando. **Cidade, Comunicação e Cultura: A diferença como questão**. Ano 12, nº 22, 1º semestre de 2005.

REBELO, José. **O discurso do jornal – o como e o porquê**. Lisboa: Editorial Notícias, 2ª ed. 2002.

SAUER, Sérgio. **Violação dos direitos humanos na Amazônia: conflito e violência na fronteira paraense**; [tradução: Phillipa Bennett, Julia Figueira-McDonough, Marsha Michel e Kristen Schlemmer]. – Goiânia : CPT; Rio de Janeiro : Justiça Global ; Curitiba: Terra de Direitos, 2005.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; CHAGAS, Clay Anderson Nunes. **A Company Town do Alumínio: concepção e práticas espaciais**. In: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; ROCHA, Gilberto de Miranda, Org(s). *Cidade Empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Das “Cidades Na Floresta” Às “Cidades Da Floresta”: Espaço, Ambiente e Urbanodiversidade na Amazônia Brasileira**. Papers do NAEA. N. 321. 2013